

# Boletim de Ocorrência



Por  
Celito De Grandi

020

## A morte do cantor e galã

O assassinato de um músico premiado é o 20º caso da série que lembrará, aos domingos de 2012, crimes enigmáticos no Estado

Luís Eugênio Oscar Vasconcellos Teixeira, ou apenas Luís Eugênio, nome artístico, era um violonista e cantor premiado, presença sempre solicitada em festivais. Há pouco, havia sido eleito presidente da entidade que reunia músicos nativistas.

Apresentador de TV, 36 anos, jeito de galã, também as mulheres o requisitavam.

Pelo menos uma delas sabia que o corpo encontrado na Estrada João Passuelo, na Vila Nova, em Porto Alegre, pertencia a ele: foram uma mulher e dois homens que o induziram a sair do táxi e entrar no carro escuro naquela noite.



Desde que foi visto, na madrugada de sábado, 11 de fevereiro de 1989, o corpo ficou à margem da estrada de chão batido durante 12 horas. Ninguém o reconhecia como sendo de um morador das redondezas. E os homens do IML demoraram a chegar.

Sem relógio e aliança, sem dinheiro e documentos, a primeira suposição dos investigadores tinha lógica: mais um latrocínio. Mas as marcas de carro na estrada e as 36 facadas no corpo redirecionaram as diligências.

Prolongava-se, naqueles dias, uma greve dos delegados da Polícia Civil por melhores salários.

E na tarde de segunda-feira, preocupado com a falta de rumo do caso, o sogro de Luís Eugênio, o ex-deputado Moisés Velasquez foi ao governador Pedro Simon.

Anunciou-se que a Divisão de Homicídios, dirigida por um interino, faria a investigação. Mas, no dia seguinte, o chefe de Polícia designou o delega-

do Valdo Nóbrega Ribeiro, da Área Judiciária, para presidir o inquérito.

Passados 45 dias, e depois de uma semana de discussões, o inquérito finalmente seguiu para a Divisão de Homicídios.



O corpo de Luís Eugênio foi identificado por sua mulher, Marion Velasquez Ferreira. Ela também ajudou a polícia na reconstituição dos últimos passos do cantor.

Na sexta-feira, a família tinha ido para o Litoral. Ele ficou em Porto Alegre, porque no sábado estava programada uma gravação no estúdio montado em sua residência, na Rua Jacuí, bairro Cristal.

À noite, foi circular pelos bares da Avenida Getúlio Vargas.

Estava nervoso. No dia anterior, havia recebido um estranho telefonema. A mulher atendeu a chamada e uma voz masculina não identificada pediu para falar com Luís Eugênio. Ela ouviu o marido dizer, no final:

– Tá bem, tá bem, pode ser amanhã.



Tomou dois uísques no Barbaridade. Tinha crédito na casa e disse ao garçom:

– Vou para um lance. Se não falhar, passo na volta e pago o que devo.

Depois, jantou e bebeu na Companhia de Sanduíches. Fez uma ligação telefônica e, antes de entrar no táxi Fiat, às 22h45min, confidenciou a um amigo que ia ao encontro de um “caso antigo”.

A principal testemunha, o motorista de táxi que o levou do ponto da Saldanha Marinho em direção à Zona Norte, explicou: no Viaduto Tiradentes, já na altura da Rua Mariante, o Fiat foi quase abalroado por uma Santana Quantum de cor escura. O músico reconheceu o condutor, quando este lhe acenou, pediu para encerrar a corrida e seguiu com os tripulantes da Quantum.

Duas horas depois, seu corpo foi jogado de um carro na Vila Nova.



Mais dois delegados investigaram o crime, João Peringer Neto e Cléber Ferreira. Foi este último que enviou o inquérito à Justiça, no início de 1991, com um relatório anexo de 27 laudas e a indicação de quatro mulheres suspeitas de serem pivôs do crime: uma radialista, uma funcionária pública, uma advogada e uma mulher então com 54 anos. Desta, ele teria recebido várias somas em dinheiro.

Mas o delegado explicou, na ocasião, que não fora possível estabelecer um vínculo entre os indícios e as pessoas investigadas.

O crime hoje está prescrito, e o coronel Reinaldo Vasconcellos, irmão de Luís Eugênio, culpa a paralisação dos delegados:

– Se um crime tem poucas chances de ser elucidado quando imediatamente investigado, imagina em meio a uma greve.

Hoje na reserva, ele não tem dúvida:

– Meu irmão foi morto por razões passionais, a mando de um empresário que nunca sequer foi chamado a depor. Quem o executou foi um assassino profissional, contratado em Santa Catarina.

### O crime

#### Vítima:

Luís Eugênio  
Oscar Vasconcellos  
Teixeira

#### Época do crime:

Fevereiro de 1989

#### Cidade:

Porto Alegre

#### Suspeitos:

Quatro mulheres

#### Motivação:

Passional

REPRODUÇÃO

### Seis meses depois, morte do cantor ainda é mistério

70 pessoas já ouvidas sobre a execução de Luís Eugênio

Faltava seis meses e cinco dias para o aniversário de 11 anos da polícia de Defesa de Homicídios, e o caso do assassinato de Luís Eugênio, 36 anos, apresentador de TV, cantor e violonista, era o assunto do momento. O delegado Valdo Nóbrega Ribeiro, da Área Judiciária, foi o responsável por conduzir a investigação. Ele já havia ouvido 70 pessoas sobre o caso. O delegado Ribeiro, que já havia ouvido 70 pessoas sobre o caso, disse que o crime foi cometido por um assassino profissional, contratado em Santa Catarina.



O delegado Ribeiro, que já havia ouvido 70 pessoas sobre o caso, disse que o crime foi cometido por um assassino profissional, contratado em Santa Catarina.

**Cantor e violonista, Luís Eugênio foi morto com 36 facadas aos 36 anos. Vinte e três anos depois, o crime permanece um mistério**



TUDE MUNHOZ, BR 04/05/1987